



Alexandre Koyré e o Círculo de Viena: o pensamento em debate

Alexandre Koyré and the Vienna Circle: the thought in debate

Hallhane Machado

Mestre em História

Universidade Federal de Goiás

hallhane@gmail.com

Recebido: 08/06/216

Aprovado: 05/07/2016

RESUMO:

Alexandre Koyré (1862- 1964) foi um historiador filósofo que, como muitos outros autores, reconheceu o apego a uma convicção. A ideia da unidade do pensamento humano "particularmente em suas formas mais elevadas" - ciência, filosofia e teologia - foi uma convicção afirmada constantemente nas obras koyreanas. Esse artigo tem como objetivo demonstrar como uma análise do movimento filosófico neopositivista da primeira metade do século XX pode lançar luzes na compreensão dessa insistência, permitindo-nos com isso aprofundar um pouco mais no entendimento das implicações da própria ideia em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre Koyré, unidade do pensamento, Círculo de Viena.

ABSTRACT:

Alexandre Koyré (1862- 1964) was a philosopher historian, like many other authors, acknowledged attachment to a conviction. The idea of the unity of human thought "particularly in its higher forms" - science, philosophy and theology - had constantly affirmed a conviction in koyreanas works. This article aims to demonstrate how an analysis of the philosophical movement neo-positivist the first half of the twentieth century can shed light on the understanding of that insistence, thereby allowing us to dig a little deeper in understanding the implications of the idea itself in question.

KEYWORDS: Alexandre Koyré, unity of thought, Vienna Circle.



Introdução

Constantemente, ao discorrermos sobre epistemologia, filosofia e história das ciências no amplo cenário intelectual europeu da primeira metade de século XX, elencamos diferentes perspectivas e traçamos linhas divisórias entre diversos “estilos de pensamento”. Mas, historicamente, um contexto intelectual se situa em um complexo de relações com outros, embora, muitas vezes, sejam bastante diferentes. Por vezes, nos estudos posteriores, tal complexo é ignorado. Ainda assim, ao nos aproximarmos das discussões do período em questão, ao atentarmos para os interlocutores em jogo, damos-nos conta de que uma perspectiva filosófica nunca se encontra isolada. As análises do presente artigo tomam, como foco, um terreno pouco conhecido; o dos diálogos entre duas posturas filosóficas bem distintas, a saber, a de um estudioso da história do pensamento - muito apontado nas várias caracterizações da perspectiva histórico-epistemológica francesa, e a postura de um grupo filosófico austríaco - representante de uma perspectiva lógico-empírica. Começamos, então, com as concepções do historiador francês de origem russa.

Como se sabe, a concepção de Alexandre Koyré acerca da unidade do pensamento é, como o próprio autor diz, uma “convicção”, que foi “transformada em princípio de pesquisa”¹. Assim, através dela podemos entender uma parte considerável de seu percurso intelectual, como sua ininterrupta ligação com a sessão de “Ciências Religiosas da Escola Prática de Altos Estudos” (EPHE), e um aspecto marcante de suas obras. E é aqui que sublinhamos sua originalidade ao esboçar um novo método de análise para a história das ciências. Koyré é comumente destacado por distanciar-se da narrativa histórica tradicional², tornando-se responsável por uma vertente historiográfica preocupada com o enquadramento das teorias científicas em um sistema de ideias, planos de pensamento, pertencente a cada período histórico.

No entanto, ao voltarmos nosso olhar para o que antecede esse desdobramento do método koyreano, vislumbramos ainda mais a singularidade do nosso autor ao compará-lo com outros contemporâneos que não se lançaram propriamente à análise histórica. Ora, o que está pressuposto ali é, poder-se-ia dizer, uma ideia do que seria o próprio pensamento, ou pelo menos, uma característica intrínseca a ele.

¹ KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Científico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Ed. UnB, 1982, p. 10.

² Trata-se, sobretudo, da tradição positivista, o “espectro” - como denomina Gérard Jorland - que assombrava a história, filosofia das ciências e a epistemologia desde o início do século XX, portanto, tradição contemporânea a Koyré (1892- 1964). Cf. JORLAND, Gerard. *La Science dans la philosophie*. Paris: Gallimard, 1981, p. 27.



A concepção de pensamento de Alexandre Koyré

Para Koyré, o pensamento é uma atividade, é um esforço de intelecção do real. É, como nos afirma em 1933, um esforço que se situa no domínio do abstrato. Mas, discorrendo sobre o pensamento, Koyré também nos diz: “Não se trata nem de idealismo, nem de empirismo”³. Pois, “é apenas o dado sensível que lhe permite [a razão]⁴ construir seus conceitos, com os quais, produzindo-os, hipostatizando-os e os reintroduzindo no real, ela reconstrói ou, antes, constrói o universo”⁵. O pensamento, portanto, para Koyré, é uma construção histórico- conceitual da realidade. É um esforço do espírito de interpretação do real. Enfim, ele é “dinamismo e movimento”⁶. Dinamismo, pois não é engessado pela adequação às leis da lógica, nem às normas do empirismo puro, nem aos devaneios da especulação bruta. Movimento, pois ele possui um compromisso essencial, a intelecção do real, e, por ela, ele caminha.⁷ Entende-se, assim, porque Koyré insiste em afirmar seu interesse pelo “andamento do pensamento”. Em seus *Estudos Galilaicos*, ele declara:

E então? Galileu formulou ou não formulou – ou, pelo menos, supôs – o princípio de inércia? Dilema demasiadamente simples, em nossa opinião – a realidade histórica é mais complexa, mais matizada, mais rica –, dilema que, ainda para mais, deixa escapar o único problema verdadeiramente instrutivo e interessante: o de saber por que é que, na sua luta pela matematização do real, Galileu não chegou a estabelecer, pelo menos expressamente (isto nem o próprio Cassirer poderia negar), o tal princípio de inércia que os seus sucessores e discípulos adotaram, dizendo-nos tão facilmente. Pois não se trata só de verificar um fato: é preciso compreendê-lo. E para tanto, há que estudar mesmo o pensamento real do grande florentino.

É justamente isso que nos propomos empreender [...] Daí que citemos abundantemente, pois não são os resultados mas o próprio *andamento do pensamento* galilaico que aqui nos interessa.⁸

Dinamismo e movimento: eis a caracterização koyreana do pensamento. Mas, além disso, Koyré lança outra afirmação, para ele, elementar. Tal esforço do espírito não é isolado em um

³ Minha tradução. No original: “il ne s’agit ni d’empirisme ni d’idealisme.” Cf. KOYRÉ, Alexandre. “Resenha de.” [MEYERSON, Émile. *Du cheminement de la pensée*. Paris: Alcan, 1931.] In: *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. Paris, 30, n. 5-6, 1933, p. 652.

⁴ Minha especificação.

⁵ Minha tradução. No original: “c’est le donné sensible seul qui lui permet de construire ses concepts, avec lesquels, les réalisant, les hypostasiant et les réintroduisant dans le réel, elle reconstruit ou plutôt construit l’univers.” Cf. KOYRÉ, Alexandre. “Resenha de.” [MEYERSON, Émile. *Du cheminement de la pensée*. Paris: Alcan, 1931.] In: *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. Paris, 30, n. 5-6, 1933, p. 652.

⁶ KOYRÉ, Alexandre. “Resenha de.” [MEYERSON, Émile. *Du cheminement de la pensée*. Paris: Alcan, 1931.] In: *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. Paris, 30, n. 5-6, 1933, p. 648.

⁷ _____ . “Resenha de.” [MEYERSON, Émile. *Du cheminement de la pensée*, p. 651.

⁸ KOYRÉ, Alexandre. *Estudos Galilaicos*. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 262.



domínio específico, como a ciência, por exemplo. Quando o pensamento científico entra em ação, assevera Koyré, ele gera um movimento de outros domínios do pensamento – nosso autor destaca o filosófico e o religioso – os quais o influencia na produção de seus resultados – o conhecimento de seu objeto. Isso porque, tais domínios, para ele, compartilham da mesma preocupação: a intelecção da realidade. Eis aí a unidade do pensamento. Em uma conferência pronunciada em Boston, no ano de 1954, Koyré nos fornece alguns exemplos, como a influência da concepção da harmonia do mundo na elaboração da teoria heliocêntrica, a ideia da imutabilidade divina na afirmação newtoniana da conservação do movimento, o realismo matemático como fonte da física dos campos de Einstein. Donde infere: Einstein foi tão bom filósofo quanto físico.⁹

Percebe-se aí também como a história propicia um terreno particularmente profícuo para o desenvolvimento e afirmação da tese koyreana. Ao movimentarmos nosso olhar para o passado- recente ou remoto, e não para um ponto fixo, como as teorias científicas já acabadas, podemos perceber o pensamento em ação, tornando possível a análise de suas construções. Diferentemente da lógica, por exemplo, a história abre ao pesquisador a possibilidade de investigar seu objeto em seu lugar natural: o movimento, o devir. De fato, apenas ela nos permite uma análise do que seria a essência do pensamento para Koyré.

Entretanto, quando Koyré afirma sua concepção da interligação dos vários domínios do pensamento, já se passaram duas décadas desde que começou a se dedicar aos estudos sobre a história do pensamento científico.¹⁰ O resultado desse trabalho foi uma vasta produção de livros, artigos e conferências, produção voltada para o pensamento científico moderno em atividade, ou, melhor dizendo, para a Revolução Científica do século XVII. Duas décadas afirmando obstinadamente a unidade do pensamento humano.

A insistência de Koyré pode ser compreendida quando nos atentamos para o contexto intelectual do século XX. A interpretação positivista apregoava a separação entre ciência e filosofia - metafísica - sobretudo como marca da evolução intelectual da humanidade. Momento em que a razão humana pôde começar a instalar-se definitivamente ao firmar a base do conhecimento apenas no dado observável. Momento em que despontava a cura do espírito humano da "doença crônica" que constituiria o estado metafísico, e agora "todas as pessoas cultas repetem, desde Bacon, que não há conhecimentos reais para lá dos que se baseiam em fatos

⁹ KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Filosófico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Brasília: Ed. UnB, 2011, p. 276.

¹⁰ A historiografia aponta como marco inicial de tais estudos a tradução (francesa) e comentários do livro de Nicolau Copérnico, *Das revoluções dos orbes celestes*, publicado em 1934.



observados"¹¹. Entendia-se que ao homem não caberia buscar a origem e a destinação de todas as coisas - tendência característica das especulações metafísicas - mas descobrir as leis que governam todos os fenômenos.

Entretanto, a partir da década de 20, outro movimento filosófico começava a se formar, reconhecido por alguns historiadores, como Mélika Quelbani, como o mais importante do período entre as duas grandes guerras: o Círculo de Viena. Em 1929, ele se fazia conhecido com a publicação de seu manifesto, intitulado “A concepção científica do mundo”, e posteriormente, com a realização de congressos internacionais em diferentes cidades como Paris (1935 e 1937), Copenhague (1936), Cambridge/Inglaterra- (1938) e Cambridge/EUA (1939), onde participaram filósofos e especialistas de mais de vinte países. Todavia, apesar da denominação comum, consideravam o positivismo de Comte como uma espécie de metafísica¹² e acreditavam que ainda se fazia necessário “remover do caminho o entulho metafísico e teologizante dos séculos”¹³ que assombrava o cenário científico, o único onde era possível a construção de um conhecimento legítimo. Certamente, assim como Koyré, as questões relativas ao pensamento – o científico – compunham as preocupações dos integrantes do Movimento austríaco. Na verdade, mais especificamente, preocupavam-se com os caminhos adequados que se deveria seguir para a construção do edifício do saber.¹⁴

A postura filosófica do Círculo de Viena

Se se punham a essa empreitada é porque certamente não consideraram que seus antecessores - além dos positivistas tradicionais, aqui já mencionados- tiveram êxito. Moritz Schlick, filósofo responsável por oficializar o grupo e a quem foi dedicado o manifesto escrito por Otto Neurath, Hans Hahn e Rudolf Carnap, afirmava os insucessos apontados pela história e declarava que no “caminho que foi sempre palmilhado por todos aqueles que se puseram em busca dos fundamentos últimos da verdade [...] -todas as tentativas- falharam o objetivo”¹⁵. Dever-se-ia ainda que buscar o fundamento sólido que possibilitaria a libertação de toda obscuridade e incerteza das proposições científicas.

Desse modo, em um artigo publicado em 1934 sob o título de “O fundamento do

¹¹ COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. Trad. Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 08.

¹² QUELBANI, Mélika. *O Círculo de Viena*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 10.

¹³ CARNAP, R., NEURATH, O., HAHN, H. A Concepção Científica do Mundo. In: *Cadernos de Filosofia da Ciência*, Campinas, n. 10. 1986, p. 18.

¹⁴ SCHLICK, Moritz. O Fundamento do Conhecimento. Trad. Luiz João Baraúna. In: *Col. Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 65.

¹⁵ _____. O Fundamento do Conhecimento, p. 73.



conhecimento”, Schlick aponta um método eficaz para encontrar o que explicita no título do seu texto: refletir continuamente sobre as proposições e não aceitar as que não se apresentarem como claramente certas. Assim, dá sinais da utilização desse método desde o início de seu texto. Percebe-se que não estão absolutamente livres da dúvida as proposições afirmadas por outros especialistas; porque poderia haver erros de cópia ou impressão. Que não estão livres da dúvida proposições que apenas concordam entre si, pois lendas poéticas também podem não encerrar contradição. Não dispõem de certeza nem mesmo as proposições que nós mesmos enunciamos no passado, pois podemos ter alucinações e, além disso, nossa memória nos engana. A dúvida, porém, não afeta “as proposições que eu mesmo enuncio”¹⁶.

Schlick enaltece explicitamente a fecundidade do método cartesiano. Mas se o emprega, porque declara o falhanço de todas as tentativas? Ao tentar buscar a certeza do conhecimento, Descartes chega ao *cogito ergo sum*¹⁷. Eis aí o erro cartesiano. O *cogito* “nada exprime, não pode absolutamente servir como fundamento de nada; não representa nenhum conhecimento, não constitui base de nenhum conhecimento; não pode proporcionar certeza do saber”¹⁸. Segundo Schlick, isso é perceptível graças à lógica, que “nos abriu suficientemente os olhos”. E é por isso que se pode julgar as tentativas precedentes e ter a esperança de se alcançar um conhecimento verdadeiro, pois com os avanços da lógica “formou-se uma situação que não é comparável com nenhuma anterior”¹⁹.

Pela lógica torna-se “evidente” - expressão de Schlick - que o que resiste a dúvida são “os enunciados que exprimem um fato acontecido no presente, fato este que é objeto de ‘percepção’, de ‘experiência’”²⁰. Apesar da afirmação do filósofo alemão demonstrar um ponto que o difere dos demais membros do grupo, vê-se aqui as teses basilares do que constituiria a concepção científica do mundo, esboçadas claramente em seu manifesto:

Caracterizamos a concepção científica do mundo mediante duas determinações. Em primeiro lugar, ela é empirista e positivista: há apenas conhecimento empírico, baseado no imediatamente dado. Com isso se delimita o conteúdo da ciência legítima. Em segundo lugar, a concepção científica do mundo se

¹⁶ “Aqui e agora”. Cf. SCHLICK, Moritz. O Fundamento do Conhecimento. Trad. Luiz João Baraúna. In: *Col. Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 73.

¹⁷ O “penso, logo existo” de Descartes, afirmado pela primeira vez em seu célebre *Discurso do Método* (1637), considerado pela filosofia tradicional como manifestação máxima do deslocamento do polo do conhecimento do objeto para o sujeito, marco filosófico do século XVII.

¹⁸ SCHLICK. O Fundamento do Conhecimento, p. 74.

¹⁹ Minha tradução. No original: “se creó una situación que no es comparable com ninguna anterior”. Cf. SCHLICK, Moritz. El viraje de la filosofía. In: *El Positivismo lógico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1965, p. 60. Trata-se de um artigo que inaugurou a revista *Erkenntnis*, em 1930 – um ano antes do lançamento do anuário *Recherches Philosophiques*, no qual Koyré participou. Naquela revista seriam publicados muitos dos principais artigos do grupo.

²⁰ SCHLICK. O Fundamento do Conhecimento, p. 73.



caracteriza pela aplicação de um método determinado, o da análise lógica.²¹

Tal análise se baseia na busca de sentido das proposições científicas. Para os neopositivistas, o grande problema da ciência contemporânea estaria assentado no fato de ser ainda composta por proposições vazias, que não significam absolutamente nada. Segundo eles, a significação de cada termo e o sentido das proposições repousam, em último grau, nos dados da experiência. Trata-se da tarefa da filosofia. Se esta não pode formular enunciados com sentido, deve ocupar-se de uma tarefa não menos importante que a da ciência: a clarificação dos enunciados científicos. Ora, se a filosofia não pode ser a mãe das ciências, certamente pode ser sua Rainha, sublinha Schlick. Essa dignidade deriva do fato de que “os progressos decisivos da ciência, os que fazem época, são sempre deste caráter: significam um esclarecimento do sentido das proposições fundamentais”²². Com vistas à legitimação dessa concepção, esse autor aponta os avanços da física de Einstein. Donde conclui: “O grande investigador [ou cientista] é também sempre um filósofo”²³. Torna-se clara, portanto, a importância da lógica, que nos livra do “perigo do cogito” e dos outros “absurdos” da filosofia tradicional, da importância de refletir sobre o sentido de nossas proposições. Diante dessa preocupação, entende-se a declaração de Schlick feita em um artigo, publicado um ano depois da sua morte, em 1936, na mesma coleção que Koyré irá expor, pouco tempo depois, seus *Estudos Galilaicos*: “O pensamento se acorrenta à palavra”²⁴.

O contato koyreano com as teses austríacas

Já se torna perceptível, então, que tais concepções se distanciavam em muito das professadas por Koyré. Certamente, os neopositivistas não lhe eram desconhecidos. Uma série de resenhas nos mostra isso claramente. Ainda no ano de 1926, Koyré faz uma resenha direcionada ao livro *La scolastique et le thomisme*, de Louis Rougier, um dos principais responsáveis pela recepção do Círculo de Viena na França. É graças a ele que o congresso de 1935 é realizado. Apesar de, em 1926, Rougier ainda não ser membro do movimento, é certo que teses do seu livro serão posteriormente expostas na revista *Erkenntnis*, e reconhecidas por Philipp Frank como teses neopositivistas. Em 1934, outra resenha relacionada diretamente ao grupo é feita, do livro *Logical*

²¹ CARNAP, R., NEURATH, O., HAHN, H. A Concepção Científica do Mundo. In: Cadernos de Filosofia da Ciência, Campinas, n. 10. 1986, p. 12.

²² SCHLICK, Moritz. El viraje de la filosofía. In: *El Positivismo lógico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1965, p. 64.

²³ _____. El viraje de la filosofía, p. 64.

²⁴ Minha tradução. No original: “La pensée s’enchaîne au mot”. Cf. SCHLICK, Moritz. L’école de Vienne et la Philosophie traditionnelle. In: *Actualités scientifiques et industrielles*, 533, Paris, 1937, p. 03.



positivism and analysis, de Lizzie Susan Stebbing, um dos pontos de contato do movimento em Londres. Outro trabalho importante para tal constatação é aquele direcionado aos livros de Jean Cavaillès, *Sur la logique et la théorie de la science* e *Transfinito et continu*. Cavaillès apresenta “uma impressionante via de acesso à reflexão lógico matemática do século XIX”²⁵, na qual, evidentemente, aparecem, na análise do emprego contemporâneo de uma parte considerável dessa reflexão, os neopositivistas. Por fim, na conferência proferida por Koyré em 1954, citada no início desse artigo, encontramos uma referência direta não apenas a um dos integrantes do grupo, Frank, mas a todo o movimento neopositivista. Além disso, encontramos também, no acervo de sua biblioteca pessoal, sete das oito atas do Congresso Internacional de Filosofia Científica, realizado pelo movimento em Paris no ano de 1935. Contudo, para além desses indícios, torna-se impossível não nos inquietar frente aquela asserção de Schlick em 1937, citada no parágrafo acima.

A contraposição

Nesse mesmo ano, uma conferência foi realizada por Koyré na Universidade do Cairo, que seria publicada um ano depois sob o título “Considerações sobre Descartes”. Tendo como objeto de análise o “Discurso do método”, em decorrência da comemoração do seu tricentenário, Koyré retoma suas frases afamadas, destaca o reconhecimento de todos seus contemporâneos de seu valor para a filosofia tradicional e, como já era de se esperar, nos chama a atenção para seu contexto. Lembra-nos que o discurso é um prefácio e que os interesses que os homens do século XVII tinham nessa obra eram totalmente distintos dos nossos. Mas há um aspecto dessa obra destacado por Koyré que gostaríamos de enfatizar por ser extremamente sugestivo para nós, além de ser importante para a compreensão da obra, já que a perpassa por completo.

Após assinalar ainda mais a novidade do “Discurso”, delineando a situação crítica do conhecimento na época de Descartes, Koyré caracteriza a postura deste como uma “Revolução intelectual, ou melhor, revolução espiritual que subtende e que suporta a revolução científica e que, com um radicalismo e uma audácia inauditos, proclama o valor, a força, a autocracia absoluta da razão”²⁶. Que postura? Aquela que Schlick também destacou; a que diferencia Descartes de Montaigne²⁷. A posição perante a dúvida, de dominação e não subordinação, que o

²⁵ KOYRÉ, Alexandre. A filosofia Jean Cavaillès. Trad. Fábio Ferreira de Almeida. In: SALOMON, Marlon (org.). *Alexandre Koyré: historiador do pensamento*. Goiânia: Almeida & Clément Edições, 2010, p. 65.

²⁶ KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. 4ª Edição Lisboa: Editora Presença, 1992, p. 46.

²⁷ Montaigne é comumente apontado como o principal representante da descrença quinhentista em relação ao conhecimento. Esse período é descrito por Koyré como uma época de “crítica, abalo e enfim dissolução e mesmo destruição e morte progressiva das antigas crenças, das antigas concepções, das antigas verdades tradicionais que



possibilita utilizá-la como um instrumento, como pedra de toque da verdade. “Porque a dúvida, o cético e Montaigne sofrem-na. Descartes exerce-a. [E aqui está o ponto que chamamos a atenção] Ao exercê-la livremente dominou-a. E assim se libertou dela”²⁸; A liberdade, Koyré a afirma constantemente. O grande método cartesiano, portanto, possui um pressuposto que nos é impossível não reconhecer. Pois a dúvida de Descartes é um “ato voluntário”. Após essa afirmação, Koyré assevera em uma nota de rodapé:

É por um ato livre que nos decidimos a ‘duvidar’, a ‘suspender o juízo’ e a ‘recusar o crédito’, as ideias que se nos apresentem. É livremente que nos decidimos à revisão crítica das nossas ideias. A filosofia começa portanto por uma afirmação efetiva da liberdade e pressupõe-na.²⁹

E quando volta a discorrer sobre a construção da metafísica cartesiana e a retomada do método da dúvida, reforçada pela hipótese do gênio maligno³⁰, Koyré assegura novamente:

Já o disse, mas não é inútil repeti-lo: é por uma decisão livre, é por um ato de liberdade que a filosofia cartesiana começa. É por o homem ser livre que pode dizer não à tendência natural que o leva a crer no que vê e ouve; que pode recusar-se a seguir a impressão poderosa do sensível; arrancar-se ao domínio do seu corpo, dos seus hábitos, da sua natureza, numa palavra. A filosofia de Descartes não demonstra a liberdade da vontade humana. Pressupõe-na e ‘prova-a’ pela sua própria existência.³¹

É por ser livre que se pode avançar das ideias às coisas e não das coisas às ideias.³² Essa liberdade é, para Koyré, a realização do que afirma ser o ponto de partida do pensamento cartesiano: a lógica do infinito. Ela que possibilitará sua física e que precisará ser sustentada por uma metafísica, necessidade imediata da lógica de Descartes, isto é, uma garantia da afirmação da correspondência entre pensamento e objeto. De tal garantia, Koyré diz, “não resta grande coisa”. Da física cartesiana, “nada continua de pé”. No entanto, a grande descoberta da primazia intelectual do infinito, ou seja, a lógica de Descartes, “permanece verdadeira”³³.

Contudo, como era de seu feitio, Koyré não afirma tão severamente a ideia de liberdade no pensamento cartesiano sem delinear seu contexto. Desse modo, poderíamos elencar quais

davam ao homem a certeza do saber e a segurança da acção”. Cf. KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. 4ª Edição Lisboa: Editora Presença, 1992, p. 25. Montaigne é, pois, o “grande destruidor”, mas não por sua própria vontade. É apresentado como aquele que enxergou a dúvida como sua única opção.

²⁸ KOYRÉ. *Considerações sobre Descartes*, p. 51.

²⁹ _____. *Considerações sobre Descartes*, p. 51.

³⁰ Artificio psicológico inventado por Descartes para a continuação da utilização do método da dúvida. Trata-se de um ente dedicado a enganá-lo em qualquer formulação de um juízo. É então que, assim como Montaigne, duvida de tudo. Mas não retira daí uma conclusão pessimista. Ao contrário, a dúvida é significativa, pois mostra-nos uma certeza. Se duvido, se penso, é porque eu sou... eu existo. Cf. DESCARTES, René. *Meditações*. In: Col. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 258

³¹ KOYRÉ. *Considerações sobre Descartes*, p. 84.

³² _____. *Considerações sobre Descartes*, p. 77.

³³ _____. *Considerações sobre Descartes*, p. 91.



seriam os “aprisionadores” da razão que se apresentavam a Descartes. Sem dúvida, Koyré cita a escolástica, para a qual todo conhecimento deveria prescindir necessariamente da sensação, aliás, primeiramente da sensação, se nos lembramos dos graus do conhecimento postulados por Aristóteles³⁴. Apesar disso, mais do que a escolástica e Aristóteles, há uma personagem que Koyré caracteriza explicitamente por se colocar contra a liberdade da razão: Bacon. Para Bacon, ele diz; “A razão teórica é a louca da casa. Perde-se logo que deixa a experiência. O que é preciso, então, é não a deixar à solta. É preciso dar-lhe um lastro, travá-la à força ao solo firme do uso empírico”³⁵. A concepção de Bacon “entrava” a razão. A de Descartes “a liberta”³⁶.

Mas porque tal insistência nessa postura cartesiana? Para Koyré, haveria, dentre os seus contemporâneos, novos aprisionadores da razão? Novos “Bacons”? No último momento de sua conferência, ele alega:

[...] numa época em que num mundo que de novo se tornou incerto, vemos o homem procurar a todo o preço uma nova certeza, pagando-a alegremente com a sua liberdade, e com a da sua própria razão; numa época de mito renascente e de autoridade infalíveis, precisamos mais do que nunca de obedecer ao preceito cartesiano que nos impede de admitir como verdadeiro outra coisa que não seja o que com toda evidência vemos sê-lo.³⁷

Não seria o caso de afirmarmos aqui que Koyré proferiu essa conferência referindo-se especificamente aos neopositivistas. Dominique LaCapra nos alerta quanto ao perigo da simplificação decorrente do apontamento do “fator determinante”. O contexto do movimento neopositivista não pode explicar por si só a postura koyreana. Pois, “nunca teremos *um* contexto”. Uma obra está inserida em um “conjunto de contextos interagentes, cujas relações mútuas são variáveis e problemáticas, e cuja relação com o texto que se investiga apresenta difíceis questões de interpretação”³⁸. Como reduzir esse grito de liberdade koyreano a uma parte do contexto intelectual, desconsiderando totalmente o contexto político europeu do final da década de 30?

Porém, ao nos aproximarmos um pouco mais do movimento destacado, percebe-se que não podemos retirá-lo do campo de análise das obras koyreanas. Não podemos desconsiderar o grande espaço ocupado pelo Círculo de Viena no contexto intelectual do entreguerras, a clara

³⁴ Segundo Aristóteles, todo conhecimento passa necessariamente pelas seguintes etapas: 1º sensação, 2º memória, 3º experiência, 4º técnica, 5º ciência e 6º sabedoria. Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livros 1 e 2.

³⁵ KOYRÉ. *Considerações sobre Descartes*, p. 30.

³⁶ _____. *Considerações sobre Descartes*, p. 31.

³⁷ _____. *Considerações sobre Descartes*, p. 93.

³⁸ Minha tradução. No original: “conjunto de contextos interactuantes cuyas relaciones mutuas son variables y problemáticas, y cuya relación con el texto que se investiga plantea difíciles cuestiones de interpretación”. Cf. LACAPRA, Dominick. “História Intelectual – Repensar la historia intelectual y leer textos”. In: PALTÍ, Elías José. *‘Giro lingüístico’ e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 252.



consciência de Koyré em relação ao grupo e ao grau da diferença das concepções aqui explicitadas. Enquanto para os neopositivistas Einstein era um físico e um filósofo, ou melhor, um lógico, para Koyré, Einstein também era um físico tão bom quanto filósofo, mas comparável a Newton, um bom metafísico. Enquanto para aqueles a lógica de Frege, Russell e Wittgenstein representava não apenas a “virada da filosofia”, mas, principalmente, do conhecimento legítimo³⁹, para esse (Koyré), era a lógica do infinito, já antes descoberta no século XVII por Descartes, que possibilitava a “virada” do homem para a razão e a verdade⁴⁰. “Como lógicos, estamos contentes em ter descoberto o paralogismo”⁴¹, diz Schlick. Isso, sem dúvida, representa, para eles, um progresso. E um progresso análogo ao de Galileu, afirmam Neurath, Carnap e Hahn no manifesto austríaco. Bem, para Koyré, vemos nos *Estudos Galilaicos*, Galileu, apesar de acusar os aristotélicos, assim como eles, não deixou de cometer petições de princípio.⁴² E por quê? Porque “é impossível raciocinar de outra maneira”⁴³ sempre se partirá da ideia à coisa, pois “O pensamento [...] é livre e autônomo”⁴⁴; conclusão diametralmente oposta àquela de Schlick.

Considerações finais

Vê-se, no contexto intelectual no qual Koyré está inserido, dificuldades que se impunham para a sustentação de sua tese da unidade do pensamento. Pois ao entendê-la não apenas com um procedimento de pesquisa histórica, mas enquanto tese ontológica e epistemológica, abre-se um campo de debate que ultrapassa aquele constituído por historiadores contemporâneos a Koyré. É estendido a físicos, matemáticos, economistas, filósofos, como os integrantes do Círculo de Viena, a todos aqueles interessados em questões tocantes à filosofia do conhecimento, ao domínio do que deveria ser considerado como propriamente “científico”. Assim, como salienta Jorland, a tese koyreana não é sustentada a partir da mera indicação das concepções metafísicas implícitas nas teorias de Copérnico, Kepler, Galileu, Newton e etc. Como se vê na afirmação koyreana da liberdade do pensamento, pode-se dizer que há uma tentativa de explicitar os elementos que afixam sua ideia, que legitimam sua concepção. Isto é, características próprias do

³⁹ SCHLICK. *El viraje de la filosofía*, p. 60.

⁴⁰ KOYRÉ. *Considerações sobre Descartes*, p. 93.

⁴¹ Minha tradução. No original: “Comme logiciens nous sommes contents d’avoir découvert le paralogisme.” Cf. SCHLICK, Moritz. *L’école de Vienne et la Philosophie traditionnelle*. In: *Actualités scientifiques et industrielles*, 533, Paris, 1937, p. 05.

⁴² Um tipo de paralogismo, que consiste no erro de considerar como dado justamente aquilo que se quer comprovar. Um conhecido exemplo de petição de princípio, denunciado por Galileu, pode ser visto no quarto argumento aristotélico contra a rotação da Terra, descrito na Segunda jornada do *Diálogo*. Apresentado originalmente de maneira bem mais elaborada, tal argumento pode ser resumido aqui ao seguinte raciocínio: 1º A Terra está parada, 2º A pedra cai da torre perpendicularmente ao chão, logo... 3º A Terra está parada.

⁴³ KOYRÉ. *Estudos Galilaicos*, p. 273-274.

⁴⁴ KOYRÉ. Alexandre. *Considerações sobre Descartes*, p. 91.



pensamento que aparecem em qualquer busca na inteligência do real e, por isso, passíveis de serem vislumbradas através da história.

Portanto - entendendo que, assim como uma ideia não pode ser explicada pela simples delimitação de um contexto, não há concepções “desencarnadas”, “exterior ao tempo”, outro alerta explicitado por LaCapra – acreditamos que a análise do movimento neopositivista lança luzes para a compreensão da tese supracitada.

Quanto aos neopositivistas, certamente não são um grupo de autores que comungavam continuamente das mesmas ideias, o que pode ser deduzido a partir das referências a um “movimento”, a um “grupo”. De fato, trata-se de autores que não concordavam em tudo, mas que defendiam elementos comuns. Elementos que não pretendiam formar uma doutrina, ou filosofia, mas, antes, um programa. Um programa que tinha como meta a “unidade das ciências”, fruto de atitudes baseadas em uma concepção científica do mundo, que, por sua vez, se punha a delinear os caminhos certos do pensamento para a inteligibilidade deste.

Assim, debruçando-nos sobre esses autores, entendemos a insistência koyreana e, desse modo, um elemento importante de obras de Alexandre Koyré, na medida em que não foram construídas isoladamente. É verdade que compõem apenas uma parte daquele conjunto de contextos que explicita LaCapra. Entretanto, como afirma Koselleck, o historiador é como um fotógrafo, que pode ajustar sua máquina de acordo com a distância do objeto a ser fotografado. É sua perspectiva (se de mais perto ou de mais longe, mas para um lado que para o outro) que orienta certo foco.⁴⁵ Evidentemente, não temos como resultado uma fotografia bem definida, não se pode recuperar o sentido original de uma obra.⁴⁶ Isso não quer dizer, no entanto, que não possamos esboçar, assim, alguns de seus traços marcantes.

⁴⁵ KOSELLECK, R. “Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos”. In: *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134- 146, 1992, p 137.

⁴⁶ BARROS, José D`Assunção. “História das Ideias - em torno de um domínio historiográfico”. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 199-209, 2007, p. 208.